
**A PRESENÇA DE ESCRITORES BRASILEIROS
NA SEÇÃO PUBLICAÇÕES RECEBIDAS DO
NOVO ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO**
La Présence d'écrivains brésiliens dans la section publications reçues
du *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*

Sílvia Maria Azevedo¹

RESUMO: Passando a circular entre 1896 e 1932, a seção Publicações Recebidas do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* tinha por objetivo divulgar obras recentemente publicadas no Brasil, Portugal e colônias da África, encaminhadas para aquele espaço do anuário. Para além desse projeto geral, o reatamento das relações diplomáticas entre Portugal e Brasil, firmado em 16 de março de 1895, durante o governo de Prudente de Morais, pode ter influenciado a criação da nova seção do Almanaque, contribuindo para estreitar os laços entre os dois países, rompidos com a Revolta da Armada (1891-1894). Nem por isso, autores portugueses e brasileiros receberam tratamento equânime nas Publicações Recebidas, quer porque as obras daqueles sempre foram em maior número do que as destes, quer pelo teor dos comentários do resenhista, mais informado acerca das publicações lusas do que das brasileiras, quer pelo desinteresse dos nossos escritores em enviar seus livros para o anuário luso-brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; Publicações Recebidas; Escritores Brasileiros

RÉSUMÉ: Commençant à circuler entre 1896 et 1932, la section Publications reçues du *Novo Almanach de Souvenirs luso-brésiliens* avait pour objectif de faire connaître les œuvres récemment publiées au Brésil, au Portugal et dans les colonies africaines, envoyées à cet espace dans l'annuaire. Outre ce projet général, la reprise des relations diplomatiques entre le Portugal et le Brésil, signée le 16 mars 1895, sous le gouvernement de Prudente de Morais, pourrait avoir influencé la création de la nouvelle section de l'Almanach, contribuant à renforcer les liens entre les deux pays, brisés par la révolte de l'Armada (1891-1894). Toutefois, les auteurs portugais et brésiliens ont reçu un traitement égal dans les publications reçues, soit parce que leurs œuvres étaient toujours plus nombreuses que les leurs, soit à cause du contenu des commentaires du critique, qui était plus informé des publications portugaises que des publications brésiliennes, soit en raison de la manque d'intérêt de nos écrivains à envoyer leurs livres à l'annuaire portugais-brésilien.

MOTS-CLÉS: *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; Publications Reçues; Écrivains Brésiliens

¹ Departamento de Literatura – Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Ao longo dos meses de março a maio de 1906, João do Rio levou a cabo a enquete *O momento literário*, constituída por uma série de entrevistas publicadas na *Gazeta de Notícias*, e da qual participaram trinta e seis intelectuais brasileiros. As respostas à primeira questão – “Para sua formação literária quais os autores que mais contribuíram?” – apontam para a importância dos almanaques, em particular o *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, nos anos de formação de alguns dos entrevistados, dentre os quais Garcia Redondo e João Ribeiro.

Em meio a seus inúmeros afazeres, Garcia Redondo encontrou tempo de enviar uma carta a João do Rio, em que aborda as suas leituras de juventude:

Esta pergunta oferece-me pretexto e oportunidade para uma confissão que eu há muito desejava fazer. A minha formação literária tem o seu alfa na leitura do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, isto em 1867. Nesse tempo cultivavam-se com entusiasmo a charada, o logogrifo e o enigma, e esse gênero de diversão, que o *Almanaque* vulgarizou e pôs em moda em Portugal e no Brasil, atraiu-me e instruiu-me. Para obter decifrações com relativa facilidade, foi-me preciso estudar a história, a geografia, a fábula, as ciências naturais e a língua vernácula. Conquistei com esse estudo uma grande cópia de conhecimentos que outros, na minha idade, não tinham. (RIO, 2019, p. 208)

Grande leitor de folhetos, revistas e livros, João Ribeiro discorreu longamente acerca da primeira pergunta proposta por João do Rio no inquérito, a partir da qual transcrevo o seguinte fragmento:

Meu avô (à cuja sombra cedo recolhemos minha mãe e eu, órfãos de meu pai) tinha uma biblioteca de coisas portuguesas; meu avô era da geração dos cartistas e franco-maçons, embirrava com padres e frades e como neocatólico adorava o Herculano e o Saldanha Marinho. Nem então, nem depois, participei daquelas iras ou entusiasmos; da sua biblioteca o que me atraía era uma magnífica coleção do *Panorama* e a do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; se a estes ajuntar

o *Manual Enciclopédico* de Emilio Aquiles Monteverde, que eu lia na escola, terá v. a gênese de todas as minhas letras, ciências e artes daquela quadra. Confesso que não aumentei de um ceitel todo aquele patrimônio, e em muitas coisas o dissipei e diminuí. Todas as minhas horas de lazer consumiam-se em desenhar, copiando as gravuras do *Panorama*, em reler a mitologia e as verdades eternas do *Manual Enciclopédico*; por outro lado, o *Almanaque de Lembranças* ensinava-me a fazer charadas, e as charadas ensinaram-me a fazer versos. (RIO, 2010, p. 55-56)

Como se percebe, os dois escritores brasileiros se referem ao anuário pela denominação *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*,² título que passa a ostentar a partir de 1855. Em 1872, ele se torna *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, denominação mantida até o fim de sua existência. Assim, “ao longo de sua circulação, a publicação conheceu três títulos: *Almanaque de Lembranças*, *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*” (DUTRA, 2005, p. 118).

Outro aspecto que merece reparo diz respeito ao lugar de origem dos entrevistados acima mencionados, Garcia Redondo nasceu no Rio de Janeiro, enquanto João Ribeiro era de Laranjeiras, interior do Sergipe, o que mostra a ampla circulação do impresso que, “um ano depois de ter-se tornado luso-brasileiro, ou seja, em 1856, sua tiragem subiu até a cifra de 20 mil exemplares, enquanto para o ano de 1855 encontramos uma indicação de tiragem de 16 mil exemplares.” (DUTRA, 2005, p. 118).

Por sua vez, o grande número de contribuições subscritas por brasileiros, enviadas para *Almanaque de Lembranças* inspirou o editor, Alexandre Magno de Castilho, a formalizar a dupla nacionalidade do anuário. O acréscimo do gentílico ao título representa a intenção de que o anuário

² “O *Almanaque de Lembranças* nasceu em Paris, na rua Chaussée d’Antin, em 1850, editado para o ano de 1851, e lá continua a ser impresso até 1853, na tipografia M. Cerf. A partir de então passa a ser editado em Lisboa e sua impressão se alternará, respectivamente, entre a Tipografia de Lucas Evangelista, a Tipografia Universal, a Imprensa Nacional, a Tipografia Franco-Portuguesa, a Tipografia Lisboa (em co-autoria com Lallemand Frères, de Paris) e, no final, a Tipografia e Estereotipia Moderna, em co-autoria com Antônio Maria Pereira.” (DUTRA, 2005, p. 118).

contribuísse para estreitar relações entre os dois países, nas palavras de Alexandre de Castilho:

O brasileiro no pequeno e antigo Portugal, e o português no moderno e imenso Brasil, respiram igualmente ares de pátria e sentem-se em família. Mutuamo-nos sem invejas as nossas literaturas; aplaudimos fraternalmente, de um para outro hemisfério, a aparição e o brilho de relevantes engenhos. [...]. Por tudo isto, o *Almanaque de Lembranças*, desde o princípio do seu segundo lustro, será impresso em duas edições ao mesmo tempo – a de Portugal e a do Brasil. Comuns no fundo estas duas edições, só diferirão nas cláusulas propriamente de calendário, para servirem com igualdade aos interesses de ambos os países. (CASTILHO, 1855, p. 30)

Em atendimento aos objetivos propostos pelo *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* – utilidade, praticidade e eficácia –, as matérias nele publicadas, provenientes do Brasil, Portugal e colônias da África, eram constituídas preferencialmente de textos curtos (sob pena de não serem publicados),³ que versavam sobre uma gama variada de assuntos (agronomia, educação, ciências naturais, etnografia, geografia, higiene, história, mitologia, moral e religião, literatura, zoologia), com exceção da política. Espaço considerável era reservado à literatura (poesia e prosa), assim também aos chistes, anedotas e charadas que, como se viu pelos depoimentos de Garcia Redondo e João Ribeiro, faziam as delícias dos leitores.

Ao longo dos anos, o número de publicações enviadas ao anuário cresceu consideravelmente, o que levou o editor do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* a criar seção especial, anunciada em 1895 para o ano de 1896, nos seguintes termos: “D’ora avante daremos notícia e apreciação, em seção especial, dos livros que nos forem oferecidos. Será uma das seções que inauguraremos no próximo ano.” (1895, p. 96).

³ Na edição de 1896 do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, o responsável pela seção “Expediente” informa que muitos artigos enviados pelos colaboradores do anuário, dada a extensão, não puderam ser publicados no *Almanaque* do próximo ano, por falta de espaço. O jornalista português solicita ainda que, no que se refere aos artigos em prosa, sejam evitados assuntos meramente subjetivos, devaneios, confidências pessoais, de modo a garantir mais probabilidades de serem publicados. (NALLB, 1896, p. 43)

Acima desse anúncio, em caixa alta e negrito, aparece o título OFERTAS (NALLB, 1895, p. 96), o que também ocorreu na edição de 1894, onde no mesmo espaço são anunciadas as obras recebidas, constituídas de almanaques e periódicos brasileiros. Se cabe especular acerca da gênese das Publicações Recebidas, essas “ofertas” poderiam ter tomados como prenúncios da seção do *Novo Almanaque* que passaria a circular, em 1896?

Se a hipótese é plausível, há que se lembrar, por outro lado, que a criação da referida seção coincide com o ano do restabelecimento das relações diplomáticas entre Portugal e Brasil, firmado em 16 de março de 1895, durante o governo de Prudente de Moraes.⁴ A medida tomada pelo presidente brasileiro recebeu amplo apoio da população e da imprensa cariocas, com destaque para o jornal ilustrado *Don Quixote* (RJ, 1895-1903), dirigido por Angelo Agostini, conforme editorial de 23 de março de 1895, intitulado “Brasil-Portugal”:

Estão reatadas as relações diplomáticas entre o Brasil e Portugal.

Este fato tem dado lugar a manifestações de sentimentos de fraternidade, que muito nos honram e constituem prova irrefragável da nulidade dos esforços de certos espíritos atrabiliários e fúteis, que andam por aí a pregar e a endossar a nossa discórdia com os povos europeus [...]

Essas manifestações de afeto e de regozijo pelo restabelecimento das nossas relações diplomáticas com a velha metrópole, representam de algum modo o protesto contra as injustiças de que foi vítima a colônia portuguesa, durante a revolta de 6 de Setembro.

De fato, nesse período da nossa história, não houve insinuação malévola, não houve calúnia vil, que assacada não fosse contra

⁴ Desafiando a onda de xenofobia, Prudente de Moraes reatou as relações com Portugal, interrompidas por Floriano Peixoto, porque dois navios portugueses, Mindelo e Afonso Albuquerque, haviam dado asilo, aos participantes da Revolta da Armada (1891-1894). O antilusitanismo nos cafés e nas redações dos jornais ameaçava as casas e armazéns dos portugueses, no Rio de Janeiro. Prudente de Moraes decidiu, então, extinguir o florianismo definitivamente. Desligou alunos e oficiais depois de Revolta da Armada, dissolveu batalhões patrióticos (criados ao tempo de Floriano, durante o levante organizado pela Marinha), entre outras medidas.

a gente laboriosa, que para aqui vem, aqui trabalha, aqui constituiu família e aqui morre.

[...]

Dando-se o 13 de Março, e o caso de ser o asilo aos revoltosos brasileiros concedido nos navios portugueses, é fácil de imaginar-se como os sentimentos de hostilidade recrudesceram contra a pátria de nossos avós e pessoalmente contra a colônia aqui restabelecida...

[....]

O reatamento das relações entre o Brasil e Portugal foi, pois, a consagração oficial de uma vera amizade, que jamais cessou, nem cessará de existir entre os dois povos.” (*Don Quixote*, 9, 23/03/1895, p. 2)

Dentre as matérias publicadas na *Don Quixote* acerca do ato presidencial, ganha destaque a litografia de página dupla de Agostini, “Restabelecimento das relações entre Portugal e Brasil”, na qual são retratadas as figuras políticas envolvidas na celebração diplomática: Carlos Augusto de Carvalho, ministro das relações exteriores do Brasil, George Greville, representante do governo britânico, Prudente de Morais, presidente da república brasileira, a Rainha Vitória da Inglaterra, D. Carlos 1º. rei de Portugal, Assis Brasil, ministro brasileiro em Portugal e Tomás Ribeiro, ministro português no Brasil.

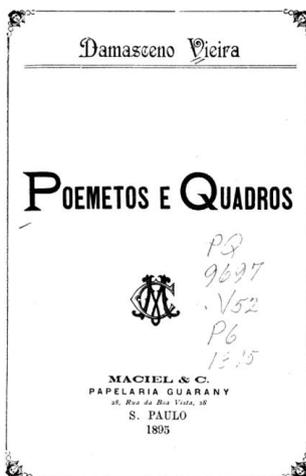
Dublê de político e poeta, Tomás Ribeiro⁵ desempenhou papel atuante na normalização das relações políticas entre os dois Estados lusófonos, ao ser nomeado ministro junto ao governo brasileiro. Três meses depois de firmado o ato de Prudente de Morais, o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro ofereceu um banquete em homenagem ao diplomata português,⁶ realizado no Cassino Fluminense, do qual compareceram, além de autoridades, os escritores Machado de Assis, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, João Damasceno Vieira Fernandes, dentre outros.

⁵ Na literatura, Tomás Ribeiro (1831-1901) tornou-se conhecido com a obra *D. Jaime, ou A dominação de Castela*, poema narrativo em nove cantos, publicado em 1862, com prefácio de Antônio Feliciano de Castilho.

⁶ “O sr. conselheiro Tomás Ribeiro”, *Gazetilha, Jornal do Comércio*, 15, 24 de junho de 1895, p. 1.

Colaborador assíduo do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, desde 1873, o poeta rio-grandense Damasceno Vieira⁷ aproveitou a oportunidade de ter marcado presença no banquete em homenagem a Tomás Ribeiro para dedicar-lhe o livro *Poemetos e quadros*⁸, publicado em 1895, obra à qual o autor de *D. Jaime* respondeu com uma carta, segundo informa o resenhista da seção Publicações Recebidas, António Xavier de Sousa Cordeiro⁹, na edição de 1897¹⁰. Dado o contexto em que são firmadas a dedicatória do escritor brasileiro e a carta-resposta do poeta português, *Poemetos e quadros* assume a função simbólica de celebrar o restabelecimento das relações entre Portugal e Brasil, por intermédio da literatura.

Figura 2: Capa do livro *Poemetos e Quadros*, Damasceno Vieira



Fonte: Google Books.

⁷ João Damasceno Vieira Fernandes. Nasceu em Porto Alegre (RS) em 1850 e faleceu em Salvador (BA) em 1910. Fez parte do grupo do Partenon Literário. Poeta, dramaturgo, ficcionista e crítico literário deixou obra volumosa, com destaque para os livros de poesia: *Ensaio Tímidos*, 1872; *Auroras do Sul*, 1879; *A Musa Moderna*, 1885; *Escrínios*, 1892; *Poemetos e Quadros*, 1895; Castro Alves, 1898.

⁸ O livro é dedicado a Tomás Ribeiro, com data de 22 de junho de 1895, quando foi realizado o banquete oferecido pelo *Jornal do Comércio* ao ministro do governo português no Brasil.

⁹ António Xavier de Sousa Cordeiro era também responsável pela seção *Variedades*, que tinha por objetivo apresentar o perfil crítico-biográfico de alguns colaboradores brasileiros e portugueses, acompanhado dos respectivos retratos.

¹⁰ Além da resenha da obra *Poemetos e quadros*, a edição de 1897 do Novo Almanaque publica na seção *Variedades* o retrato, a biografia e as obras do escritor Damasceno Vieira. (*NALLB*, 1897, p. 201-203).

Outra obra escrita com o objetivo de estreitar os laços entre os dois países, *A literatura brasileira (1870-1895)*. Notícia crítica dos principais escritores, documentada com escolhidos excertos de suas obras, em prosa e verso, de Valentim Magalhães,¹¹ publicada pela Livraria de António Maria Pereira, de Lisboa, em 1896, foi igualmente divulgada nas Publicações Recebidas, edição de 1899. Dentre os méritos da publicação, António Xavier Cordeiro destaca a intenção de o autor divulgar a literatura brasileira, pouco conhecida em Portugal, daí chamar *A Literatura brasileira* de “livro propaganda, destinado a pôr em evidência, perante o público português, alguns dos mais ricos tesouros literários do seu país.” (NALLB, 1899, p. XLII-XLIII). O comentário vem acompanhado da informação, extraída da introdução da obra, de que a publicação vinha completar as conferências que o autor havia proferido na Sociedade de Geografia de Lisboa,¹² diante de um público seletivo e atento. As estreitas relações de Valentim Magalhães com a intelectualidade portuguesa,¹³ representada nas dedicatórias de *A literatura brasileira* ao conde de Alto Mearim (José João Martins de Pinho), fundador do *Liceu Literário Português*, no Rio de Janeiro, e a Sebastião de Magalhães Lima, diretor *O Século*, *Vanguarda* e *A Folha do Povo*, devem ter concorrido para a acolhida calorosa do livro do crítico brasileiro na seção do *Novo Almanaque*.

Dentre os nomes que integram a pequena história da literatura brasileira, de Valentim Magalhães, o visconde de Taunay¹⁴ é dos poucos escritores da geração de 1870 a ter entrada nas Publicações Recebidas com *La retraite de Laguna*. Épisode de la guerre du Paraguay, cuja primeira edição foi publicada em Paris, pela editora Plon, em 1871. Muito embora o livro já tivesse sido traduzido para a língua portuguesa em 1874, por Salvador de Mendonça, Taunay optou por enviar para a seção do anuário luso-brasileiro a terceira edição em francês, que saiu ainda pela Plon, em

¹¹ Valentim Magalhães (Antônio Valentim de Costa Magalhães), jornalista, contista, romancista e poeta, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 16 de janeiro de 1859 e faleceu, na mesma cidade, em 17 de maio de 1903. Dirigiu *A Semana* (RJ, 1885-1895), periódico aberto à colaboração dos novos poetas e voltado à propaganda da Abolição e da República.

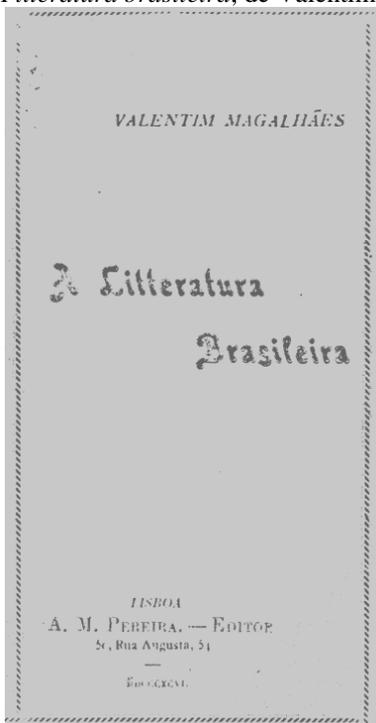
¹² O correspondente em Lisboa da *Gazeta de Notícias*, na edição 81, 22 de março de 1895, p. 1, dá mais detalhes acerca das conferências de Valentim Magalhães sobre a moderna literatura brasileira, na Sociedade de Geografia. No ano anterior, Valentim Magalhães, sob o pseudônimo José de Egipto, responsável pela coluna História dos sete dias, de *A Semana*, despede-se dos amigos, em função de uma viagem ao exterior, provavelmente a Portugal. (*A Semana*, 52, 1894, p. 409).

¹³ Valentim Magalhães colaborou nos periódicos lisboetas *Branco e Negro* (1896-1898), *Brasil-Portugal* (1899-1914) e *Jornal dos Cegos* (1895-1920).

¹⁴ Alfredo d’Escragnoille Taunay, mais conhecido como visconde de Taunay (1843-1899), romancista, engenheiro militar, político, historiador, autor de extensa obra, dentre as quais, *Mocidade de Trajano* (1871), *Ouro sobre azul* (1875), *Memórias* (1908, póstumas).

1891.¹⁵ Por falta de espaço, o comentarista das Publicações Recebidas limita-se a registrar o recebimento de *La retraite de Laguna*, embora sem deixar de avaliar a obra, na transcrição de um trecho de Pinheiro Chagas (sem identificação da fonte), no qual o escritor português destaca as qualidades literárias do livro de Taunay e os triunfos do exército brasileiro, no obscuro episódio da Guerra do Paraguai.

Figura 3: *A literatura brasileira*, de Valentim Magalhães



Fonte: Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos, UFSC.

Da mesma forma que Taunay se valeu do prestígio de uma editora francesa para garantir a divulgação internacional de sua obra, conforme era intenção do governo imperial, dois escritores brasileiros cujas obras foram divulgadas nas Publicações Recebidas, Júlia Lopes de Almeida¹⁶ e Raimundo

¹⁵ A segunda edição de *La retraite de Laguna* também foi publicada pela editora Plon, de Paris, em 1879.

¹⁶ Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), escritora, cronista, teatróloga, colaboradora em vários jornais e revistas no Brasil e em Portugal.

Correia¹⁷, tiveram seus trabalhos publicados pela influente editora Ant3nio Maria Pereira, aquela, com o romance *A viuva Sim3es* (1897), este, com o livro *Poesias* (1906), acompanhado pelo pr3logo de D. Jo3o da C3mara.¹⁸ J3lia Lopes tornou-se nome conhecido em Portugal, quando em 1886, em viagem ao pa3s, veio a se casar com o poeta Filinto de Almeida,¹⁹ que lhe abriu as portas do meio liter3rio portugu3s, inclusive dos editores. Quanto a Raimundo Correia, nomeado em 1897, durante o governo de Prudente de Moraes, ocupou o cargo de segundo-secret3rio da Legaç3o do Brasil em Portugal, funç3o que lhe permitiu travar contato com o mundo da pol3tica e das letras portuguesas, onde passou a ser conhecido como ex3mio sonetista. N3o por acaso, ao comentar o volume *Poesias*, na coluna Publicaç3es Recebidas, ediç3o de 1907, o resenhista transcreve o c3ebre soneto “As pombas”, com o qual Raimundo Correia ganhou fama no Brasil e em Portugal.

As relaç3es pol3ticas e liter3rias entre os dois pa3ses pautaram igualmente a trajet3ria do diplomata brasileiro Lu3s Guimar3es Filho,²⁰ membro da Academia de Ci3ncias de Lisboa, e de Garcia Redondo que, quando estudante da Universidade de Coimbra, foi companheiro de Gonç3lves Crespo e Guerra Junqueiro, dentre outras figuras da elite intelectual coimbr3. As credenciais de ambos os escritores brasileiros era mais do que suficiente, 3 poss3vel supor, para que *Id3lios chineses*²¹, de Lu3s Guimar3es Filho, bem como *Car3cias*²² e *Choupana de rosas*²³, de Garcia Redondo, tivessem entrada na coluna do anu3rio, onde receberam cr3tica elogiosa de Ant3nio Xavier de Sousa Cordeiro.

¹⁷ Raimundo Correia (1859-1911), diplomata, poeta, professor, membro da Academia Brasileira de Letras.

¹⁸ D. Jo3o da C3mara (1852-1908), dramaturgo e jornalista portugu3s, colaborou na *Gazeta de Not3cias*, do Rio de Janeiro, com cr3nicas publicadas entre 1901 e 1905, al3m de ter v3rias de suas peç3as representadas nos palcos cariocas.

¹⁹ 3 3poca, Filinto El3sio (1857-1945) era diretor da revista *A Semana*, onde J3lia Lopes de Almeida passou a colaborar. Em Portugal, a escritora escreveu para a revista *Brasil-Portugal* (1899-1914), de Lisboa.

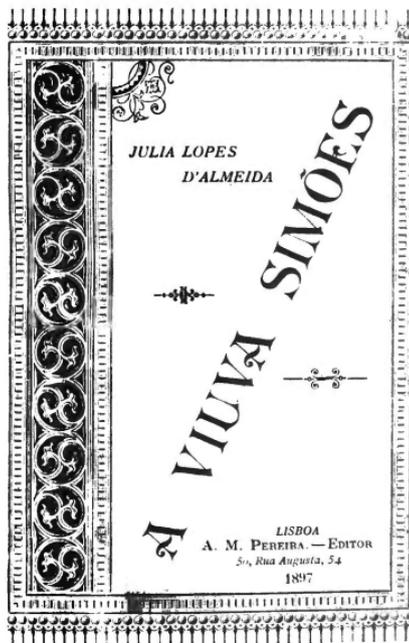
²⁰ Lu3s Guimar3es Filho (1878-1940), diplomata, poeta, cronista, colaborou na imprensa carioca, sobretudo na *Gazeta de Not3cias* e no *Correio da Manh3*.

²¹ Lu3s Guimar3es Filho. *Id3lios chineses*. Lisboa: Livraria de Ant3nio Maria Pereira, 1897.

²² Tanto a primeira ediç3o de *Car3cias* (Rio de Janeiro: Domingos Magalh3es editor, 1895) quanto a segunda (Rio de Janeiro: Laemmert, 1903) foram comentadas nas Publicaç3es Recebidas.

²³ Garcia Redondo. *Choupana de rosas*. S3o Paulo: Typographia Carlos Gerke & C., 1879.

Figura 4: *A viúva Simões*, de Júlia Lopes de Almeida



Fonte: Biblioteca Brasileira.

Os dois lados do Atlântico são igualmente representados, na edição de estreia da seção do *Novo Almanaque*, em 1896, quando duas escritoras, uma portuguesa, Maria Amália Vaz de Carvalho²⁴, outra brasileira, Luísa Amélia de Queirós²⁵, autoras respectivamente de *A arte de viver em sociedade*²⁶ e *Georgina ou Os efeitos do amor*,²⁷ têm suas obras apreciadas naquele espaço. Colaboradoras de longa data do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, no caso de Luísa Amélia, sua primeira obra publicada no

²⁴ Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), escritora, poeta, ativista feminina, autora de contos, ensaios e biografias. Colaborou em diversas revistas portuguesas, além de *A Mensageira* (SP, 1897-1900).

²⁵ Luísa Amélia de Queiroz Nunes Brandão (838 – 1898), poeta, precursora do Romantismo no Piauí, autora de dois livros de poesia: *Flores incultas* (1875), e *Georgina ou os efeitos do amor* (poema em cinco cantos, 1894). Simpatizante do Espiritismo, introduziu a Doutrina Espírita na Parnaíba.

²⁶ Maria Amália Vaz de Carvalho. *A arte de viver em sociedade*. Lisboa: António Maria Pereira, 1897.

²⁷ Luísa Amélia de Queirós. *Georgina ou Os efeitos do amor*. Maranhão: Typ. A vapor da Pacotilha, 1894.

anuário, em 1878, foi o poema “Um êxtase”, dedicado a Maria Amália Vaz de Carvalho, “mimosa autora de *Uma primavera de mulher*”²⁸ (ALLB, 1878, p. 338). A dedicatória não apenas homenageia a escritora portuguesa, cuja obra circulava no longínquo Piauí, divulgada pelo *Almanaque de Lembranças*, mas também pode ser entendida como estratégia de a poeta piauiense garantir espaço na publicação, no envio de futuras colaborações, tornando-se conhecida do público luso-brasileiro.

Demais escritoras brasileiras vão se valer igualmente da condição de colaboradoras do *Almanaque* para se tornarem conhecidas do resenhista das Publicações Recebidas, e garantir que suas obras, enviadas para a seção, fossem divulgadas. A título de exemplo cabe citar Inês Sabino²⁹, Ibrantina Cardona³⁰ e Edwiges Pereira³¹, autoras respetivamente dos livros de poesia: *Lutas do coração*,³² *Plectos*³³, *Campesinas*.³⁴

Outros autores brasileiros, mencionados na coluna do *Novo Almanaque*, também colaboraram em edições anteriores do anuário, geralmente com poemas, charadas, logogrifos e contos. Nomes como José Joaquim Correia de Almeida³⁵, Nelson Coelho de Sena³⁶, Aníbal Amorim³⁷,

²⁸ Maria Amália Vaz de Carvalho. *Uma primavera de mulher*, poema em quatro cantos, precedido de um prólogo de Tomás Ribeiro. Lisboa: Livraria Franco-Portuguesa, 1867.

²⁹ Inês Sabino (1853-1911), poeta, contista, romancista, memorialista, biógrafa. Participante ativa na associação recifense *Aves Libertas*, composta apenas por mulheres.

³⁰ Ibrantina Cardona (1868-1946), poeta e escritora, colaborou na *Revista Feminina* (SP, 1914-1936).

³¹ Edwiges de Sá Pereira (1884-1958), educadora, jornalista, poeta, ativista feminista, membro da Academia Pernambucana de Letras.

³² Inês Sabino. *Lutas do coração*. Prefácio de Alberto Pimentel. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1898. Outra obra de Inês Sabino, *Mulheres ilustres do Brasil* (Prefácio de Artur Orlando. Paris; Rio de Janeiro: H. Garnier, 1899) foi também comentada na seção Publicações Recebidas, edição de 1901 do *Novo Almanaque*.

³³ Ibrantina Cardona. *Plectos*. Prefácio de Carlos Ferreira. São Paulo: [s.n.], 1897.

³⁴ Edwiges Pereira. *Campesinas*. Primeiros versos. Prefácio de Severo Pinto. Recife: Imp. Industrial Nery da Fonseca, [s.d.]

³⁵ José Joaquim Correia de Almeida, Pe. (1820-1905), poeta, ordenado sacerdote, autor de obras satíricas, algumas das quais comentadas nas Publicações Recebidas, como: *Sátiras, epigramas e outras poesias, Decrepitude metromaniaca, Produções da caducidade, Puerilidade de um macróbio*, publicadas no Rio de Janeiro, pela editora Laemmert, sendo datadas, respectivamente, de 1868, 1894, 1896 e 1898. *Aplausos incondicionais* (1900), *Rabugem inaderente* (1903) e *Agudezas rombas e versos prosaicos* (1904) saíram pela Tipografia da cidade de Barbacena. *Marasmo senil* foi editado em Belo Horizonte, pela Imprensa A Vapor Joviano & C, em 1903.

³⁶ Nelson Coelho de Sena (1876-1952), contista, historiador, jornalista, membro da Academia Mineira de Letras. Autor, dentre outros, do livro de contos *Páginas tímidas*, publicado em Ouro Preto (MG), pela Tipografia de Silva Cabral, em 1896, e comentado nas “Publicações Recebidas”, edição de 1898.

³⁷ Aníbal Amorim (1876-1935), poeta, conferencista, membro dos Institutos Históricos da Bahia, Minas Gerais, Sergipe. Autor dos livros de poesia *Pompas* (1902) e *Novilânios* (1903), publicados no Rio de Janeiro, pela Laemmert, e *Novos poemas* (1904), comentados nas “Publicações Recebidas”, edições de 1905, 1905, 1906, respectivamente.

Antônio dos Reis Carvalho³⁸, hoje figuras esquecidas da literatura brasileira, tiveram seus livros comentados pelo responsável das Publicações Recebidas. Quando não era o próprio autor a enviar sua obra, outro colaborador do *Almanaque* se encarregava de fazê-lo, função em que se destacou Raimundo Ciríaco Alves da Cunha,³⁹ responsável por indicar livros de autores do Pará, como *Estudos Brasileiros*. Segunda série (1889-1893),⁴⁰ de José Veríssimo, e *Estudos sobre o Pará*,⁴¹ de Artur Viana.

Há que se dizer que o Estado do Pará foi das regiões do Brasil de onde procedeu o maior número de escritores, caso do já referido Raimundo Alves da Cunha, um dos principais nomes da historiografia paraense da época, autor dentre outros títulos de *Paraenses ilustres*,⁴² coletânea de vinte e seis biografias de paraenses que se destacaram como políticos, militares, artistas e literatos, para uso nas escolas primárias. Para além das escolas, tornar “o Pará intelectual conhecido em todo o sul do Brasil e no estrangeiro,” (apud COELHO, 2011, p. 161) era o objetivo dos escritores que fundaram a associação *Mina Literária* (1895-1899), como José Eustáquio de Azevedo,⁴³ organizador dos volumes *Antologia amazônica* (poetas paraenses)⁴⁴ e *Literatura paraense*,⁴⁵ que não perde a oportunidade de fazer um desabafo, no prefácio da primeira antologia, dado o desconhecimento dos intelectuais cariocas em relação à literatura produzida na região: “Nós, os do norte, conhecemos um por um todos os literatos do sul; citamo-los, fazemos-lhes a merecida justiça; eles, os do sul, fazem que não nos conhecem; somos os espúrios das letras, uns nulos! (1904, p. 1).

Ao lado dos homens de letras, os políticos paraenses igualmente estavam empenhados em divulgar os melhoramentos implementados no estado, durante o ciclo da borracha, a exemplo do governador José Paes de

³⁸ Antônio dos Reis Carvalho (1874-1946), poeta, ensaísta, teatrólogo, jornalista, autor dos livros de versos *Prelúdios* (1903) e *Cavatinas* (1904), publicados no Rio de Janeiro, pela editora Laemmert, e comentados nas “Publicações Recebidas”, edição de 1906.

³⁹ Raimundo Ciríaco Alves da Cunha (1859-1922), professor da Escola Normal do Pará, historiador, militar, membro-fundador do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Pará.

⁴⁰ José Veríssimo. *Estudos brasileiros*. Segunda série (1888-1893). Rio de Janeiro: Laemmert, 1904.

⁴¹ Artur Viana. *Estudos sobre o Pará: limites do Estado*. Belém: Imprensa do Diário Oficial, 1899-1901.

⁴² Raimundo Alves Ciríaco da Cunha. *Paraenses ilustres*. 2ª. edição correta e aumentada. Pará: J. B. dos Santos & C., 1900. A primeira edição da obra foi publicada em Paris, pela editora Vogt & C., em 1896.

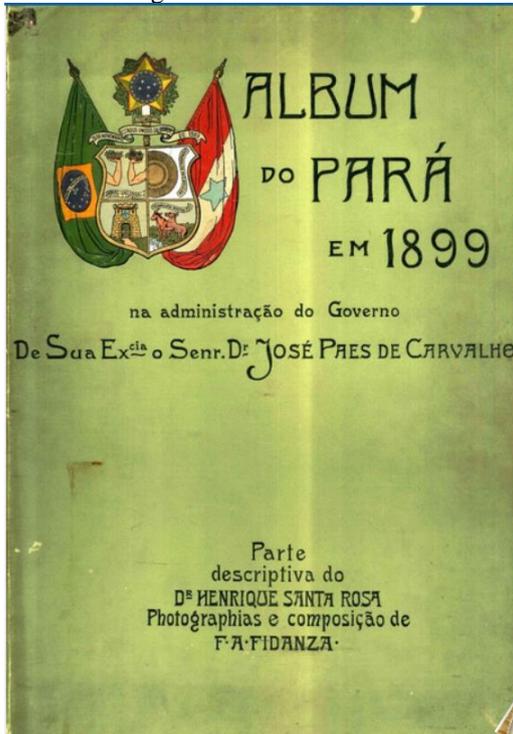
⁴³ José Eustáquio de Azevedo (1867-1993), romancista, teatrólogo, contista, tradutor, membro da Mina Literária e da Academia Paraense de Letras.

⁴⁴ As duas edições da *Antologia amazônica*, publicadas em Belém, a primeira, em 1904, pela Tipografia da Casa Editora Pinto Barbosa, a segunda, em 1919, sem identificação da editora, foram comentadas nas Publicações Recebidas, de 1905 e 1921, respectivamente.

⁴⁵ José Eustáquio de Azevedo. *Literatura paraense*. Belém: A Semana Casa Editora, s.d.

Carvalho, responsável pela publicação do *Álbum do Pará em 1899*⁴⁶, com fotografias de Filipe Augusto Fidanza⁴⁷, apresentação de Élisée Reclus, em português, italiano e alemão, extraída de uma conferência na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, em 1893, e parte descritiva a cargo do geógrafo Henrique de Santa Rosa.

Figura 5: Álbum do Pará



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna, Pará.

Assim como a Mina Literária do Pará, a Padaria Espiritual (1892-1898), agremiação voltada à divulgação da literatura cearense, fez-se representar nas Publicações Recebidas por intermédio de Rodolfo Teófilo,⁴⁸

⁴⁶ Na edição de 1905 das Publicações Recebidas, a obra é apresentada com o título *Álbum de Belém*. Pará, Edição F. A. Fidanza. Paris, Impressão de Philippe Renouard, s. d.

⁴⁷ Felipe Augusto Fidanza (1844-1903), fotógrafo e pintor português radicado no Brasil. Começou a fotografar em Belém na segunda metade da década de 1860 e tornou-se uma das principais referências no campo da fotografia da região Norte.

⁴⁸ Rodolfo Teófilo (1853-1932), escritor baiano radicado no Ceará, inaugura o Naturalismo na *Miscelânea*, Assis, v. 34, p. 161-182, jul.-dez. 2023. ISSN 1984-2899

que encaminhou à seção os romances *Maria Rita*, *O Paroara* e a novela *Violação*⁴⁹, obras permeadas pelo espírito cientificista de base naturalista então dominante, nas quais o escritor aborda o contexto social cearense, marcado pela fome, seca, doenças e migrações fracassadas de retirantes para a Amazônia.

Do Ceará também provinham escritoras pioneiras no cenário literário local,⁵⁰ como Serafina Rosa Pontes e Alba Valdez⁵¹, esta, com ativa participação em jornais e agremiações literárias em Fortaleza. *Livro d'alma*, de Serafina Pontes, e *Em sonho* e *Dias de luz*,⁵² de Alba Valdez, foram livros encaminhados às Publicações Recebidas que não mereceram mais do que rápidos comentários do responsável da seção.

Escritoras atuantes junto à imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro, Maria Clara da Cunha Santos⁵³, Áurea Pires da Gama⁵⁴ e Presciliana Duarte de Almeida⁵⁵ enviaram suas obras para a coluna do *Novo Almanaque*, sem que o resenhista fizesse menção ao fato de Maria Clara e Áurea Pires terem sido ativas colaboradoras de *A Mensageira* (SP, 1897-1900), muito menos que Presciliana Duarte era diretora da mencionada revista paulistana, dirigida por mulheres. Em geral, a crítica à obra dessas mulheres era pautada por aspectos, como correção e simplicidade da linguagem, apuro do estilo e uma concepção da obra literária como reflexo dos sentimentos do autor. Assim, o principal mérito do livro de contos de Maria Clara da Cunha, *Painéis*⁵⁶ devia-se ao fato, na avaliação do resenhista, de que “as 35 pequenas

literatura cearense com o romance *A fome* (1890).

⁴⁹ Publicadas em Fortaleza, as três obras integravam a Biblioteca da Padaria Espiritual, sendo *Maria Rita*, episódio do Ceará colonial, publicada na Tip. Universal, em 1897, *O paroara*, cena da vida cearense e amazônica, por L. C. Chodowiecki, em 1899, e *Violação*, por Militão Bivar e Typ. Moderna, em 1898.

⁵⁰ Serafina Rosa Pontes (1850-1923), poeta, autora de poemas melancólicos que se encontram reunidos no *Livro da alma*, publicado em Fortaleza, pela Typ. Universal, em 1894.

⁵¹ Alba Valdez, pseudônimo de Maria Rodrigues Peixe (1874-1962), contista, romancista, jornalista, professora, membro do Centro Literário da Boêmia.

⁵² Os dois livros de Alba Valdez, *Em sonho...* (*fantasias*), coletânea de contos e crônicas, e *Dias de luz*, memórias, foram publicados em Fortaleza, por L. C. Chodowiecki e Typ Moderna, em 1901 e 1907, respectivamente.

⁵³ Maria Clara da Cunha Santos (1866-1911), foi umas das importantes mulheres que figuraram no cenário do periodismo feminino em fins do século XIX, tendo transitado por vários gêneros, entre eles poesia, contos, crônica, cartas e conferências. Como colaboradora de *A Mensageira*, assinou a coluna “Cartas do rio”, onde abordava o cotidiano carioca.

⁵⁴ Áurea Pires da Gama (1876-1949), poeta, professora, fundadora do colégio do Externo Cruzeiro, na cidade paulista. Tinha intenção de se formar em Farmácia, mas foi impedida pelo pai, por ser um curso eminentemente masculino.

⁵⁵ Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944), autora de vários livros de poesia e prosa, colaboradora em diversos jornais e revistas, foi a primeira mulher a integrar o grupo de letrados da Academia Paulista de Letras.

⁵⁶ Maria Clara Cunha dos Santos. *Painéis*. Rio de Janeiro: Tip do *Jornal do Comércio*, 1902.

narrativas [...] acham-se escritas numa linguagem perfeitamente simples, e desartificialiosa” (NALLB, 1903, p. L). Já nos poemas de *Flocos de neve*⁵⁷, de Áurea Pires, o crítico viu fotografada “a alma da poetisa, cujo talento é deveras prometedor” (NALLB, 1900, p. XLVIII). Por sua vez, a crítica ao volume *Sombras*⁵⁸, de Presciliana de Almeida, não escapou à avaliação pontuada pelo lugar comum de saudar a decisão da autora de ter reunido em livro os poemas dispersos em jornais e revistas, como forma de perpetuá-los, “impondo-os à admiração dos apreciadores das belas artes” (NALLB, 1908, XLVII).

Grande divulgador da cultura regional paulista nos seus diversos segmentos artísticos, Cornélio Pires⁵⁹ não teve igualmente avaliação à altura da importância das obras enviadas para as Publicações Recebidas: *Musa caipira*, *O monturo* e *Quem conta um conto...*⁶⁰ Acerca de *Musa caipira*, o resenhista limitou-se a observar que se tratava de “Um curioso livro de poesias populares, algumas em dialeto paulista, que é o primeiro ensaio do autor.” (NALLB, 1912, p. 43). *Monturo* foi apresentado a partir de informações sobre a edição da obra, seguidas pela citação de um de seus poemas:

É uma bonita edição de Pocaí-Weiss, acompanhada de ilustrações de Oswaldo Pinheiro e com uma caricatura do autor por Voltolino. Apesar de uma certa preocupação de novidade, em que falam A botina velha, Um chinelo podre, Um pedaço de espelho, O chapéu sem abas, etc, tem viveza e mocidade. Daremos, para prova, este trecho da fala de Um travesseiro podre de palha:

Ai! A cidade!... As abelhas
Do crime só fazem fel,
Com mandíbulas vermelhas!

Aqui me vês no abandono,
Exposto às chuvas e aos ventos...
- Já fui o leito do sono;
Sou testemunha fiel

⁵⁷ Áurea Pires. *Flocos de neve*. Prefácio de Inês Sabino. Juiz de Fora, MG: Tip. Matoso, 1898.

⁵⁸ Presciliana Duarte de Almeida. *Sombras*. Prefácio do conde de Afonso Celso. São Paulo: Tip. Brasil, 1906.

⁵⁹ Cornélio Pires (1884-1958), jornalista, escritor, folclorista, etnólogo da cultura caipira.

⁶⁰ As três obras de Cornélio Pires foram publicadas em São Paulo, *Musa caipira*, pela Livraria Magalhães, em 1910, *O monturo*, poemeto, pela editora Pocaí-Weiss, em 1911, e *Quem conta um conto...*, pela tipografia de *O Estado de S. Paulo*, em 1916.

Dos alheios sofrimentos. (NALLB, 1913, p. 42-43)

Em relação ao livro *Quem conta um conto...*, o responsável pela coluna do *Novo Almanaque* não dispensou mais do que quatro linhas, a título de comentário:

Em 3ª edição, acaba de publicar-se este interessante livro de contos regionais, de que é autor o s. Cornélio Pires. É um volume de 228 páginas, que se lê com muito agrado e interesse. Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido (NALLB, 1920, p. 23-24)

Nome de destaque da literatura e da imprensa baianas, Sabino de Campos,⁶¹ “poeta de cancionero e romances”, no dizer de João Ribeiro, não recebeu sequer uma simples informação acerca de sua trajetória intelectual. *Jardim do silêncio*, livro publicado no Rio de Janeiro, em 1919, e com o qual o escritor estreia nas letras, recebeu o seguinte comentário do resenhista das Publicações Recebidas:

Precioso volume de versos, dividido em 5 partes: Jardim do silêncio, Velas marinhas, Rosas mutiladas, Ao cair das horas, Lina de Moscou.

Em cada poesia, em casa soneto do seu livrinho, se mostra a alma de um verdadeiro poeta. (NALLB, 1923, p. 20)

Há que se dizer que, a partir da década de 1920 até 1932, quando da extinção do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, as obras tanto de escritores brasileiros quanto portugueses passam a receber comentários cada mais suscintos e sem qualquer relevância, do ponto de vista crítico, na coluna do anuário. Mesmo as páginas reservadas às Publicações Recebidas sofrem drástica redução, justificada possivelmente em função da escassez de obras enviadas, sobretudo de autores brasileiros, pouco interessados em remeter seus livros para a coluna, anexo de um almanaque, direcionado ao entretenimento.

Não por acaso, a criação da Seção Charadística,⁶² sob a direção de José Leoni Palermo de Faria, substituído quando de sua morte por Armando

⁶¹ Sabino de Campos (1893-?), poeta, romancista, contista, autor do hino da cidade de Cachoeira, município da Bahia, com Manuel Tranquilo Bastos.

⁶² A Sessão Charadística publicava charadas, enigmas, logogrifos, além de informações sobre a criação de agremiações charadísticas, dicionários, avisos, concursos, poemas em homenagem a charadistas famosos.

de Lima Pereira, a convite da Parceria António Maria Pereira, repercute nas Publicações Recebidas, onde são publicados, além de periódicos e revistas, os compêndios dos charadistas brasileiros Sílvio Alves, pseudônimo Apolo, Candelária Sobrinho e Antônio M. de Sousa, respectivamente, *Manual do charadista* (Rio de Janeiro, 1926), *Calepino charadístico* (Atibaia, SP, 1927) e *Dicionário do charadista* (Juiz de Fora, MG, 1927). Iniciativas bem recebidas pelo comentarista da coluna, nem por isso este deixa de observar que o manual de Sílvio Alves “não satisfaz o fim que o autor tinha em vista” (NALLB, 1928, p. 24), sem entrar em maiores detalhes a respeito dos motivos do fracasso da obra, visto que ela será objeto de mais demorado exame na Seção Charadística. A observação não é destituída de importância, na medida em que explicita mais do que o diálogo entre as duas colunas do anuário luso-brasileiro, o esvaziamento do projeto da coluna do *Novo Almanaque*, ou seja, reaproximar Portugal e Brasil por intermédio das respectivas literaturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a assinatura de Prudente de Moraes em 1895, visando ao restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países lusófonos, está na origem da criação das “Publicações Recebidas”, nem por isso autores portugueses e brasileiros receberam tratamento equânime nesse espaço, quer porque as obras daqueles sempre foram em maior número do que as destes, quer pelo teor dos comentários do resenhista, mais informado acerca das publicações lusas do que das brasileiras. É possível supor que esse desequilíbrio esteja relacionado ao desinteresse dos escritores brasileiros, em particular nomes de maior prestígio, de enviar seus livros para a seção do *Novo Almanaque*. Há que se pensar ainda que nem todos os autores que o fizeram, procedentes de quase todos os estados do Brasil, tiveram entrada nas Publicações Recebidas, dada a preferência da seção em noticiar obras publicadas pela editora António Maria Pereira, responsável, inclusive, pela edição do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, a partir de 1885.

Enquanto Luís Guimarães Filho, Valentim Magalhães, Júlia Lopes de Almeida, Raimundo Correia tiveram o privilégio de serem publicados pela influente editora lisboeta, o que lhes abria a possibilidade de se tornarem conhecidos entre os leitores portugueses, a grande maioria dos escritores brasileiros, em geral poetas desconhecidos, presentes nas Publicações Recebidas, não usufruiu do mesmo favorecimento. Para estes, a opção era custear, muito provavelmente, os próprios livros, dados à luz em editoras regionais, pouco influentes nos circuitos do impresso. Daí que tornar-se colaborador do *Almanaque* foi para muitos desses escritores, carentes de inserção numa rede de contatos mais amplo, o primeiro passo para ter entrada

na seção do anuário luso-brasileiro por meio da qual procuraram ser conhecidos no território nacional, e para além dele, em que pese as poucas linhas dispensadas com as suas obras.

FONTES:

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1895, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1894.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1896, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1895.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1897, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1896.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1898, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1897.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1899, Livraria de António Maria Pereira, 1898.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1900, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1899.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1901, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1900.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1902, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1901.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1903, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1902.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1904, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1903.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1905, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1904.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1906, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1905.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1907, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1906.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1908, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1907.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1909, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1908.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1910, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1909.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1911, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1910.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1912, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1911.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1913, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1912.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1914, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1913.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1915, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1914.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1916, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1915.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1917, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1916.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1918, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1917.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1919, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1918.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1920, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1919.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1921, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1920.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1922, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1921.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1923, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1922.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1924, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1923.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1925, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1924.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1926, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1925.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1927, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1926.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1928, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1927.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1929, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1928.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1930, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1929.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1931, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1930.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1932, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1931.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro (maio-junho de 1906).
Don Quixote, Rio de Janeiro (1895-1903).
Jornal do Comércio, 15, 24 de junho de 1895.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEVEDO, José Eustáquio de. *Antologia amazônica* (poetas paraenses). Belém: Typographia da Casa Editora Pinto Barbosa, 1904.

COELHO, Geraldo Mártires. Na *Belle Époque* da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares. Escritos cinco. *Revista da fundação Casa de Rui Barbosa*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 5, p. 141-168, 2011.

DUTRA, Eliana de Freitas. Laços fraternos. A construção imaginária de uma comunidade luso-brasileira no *Almanaque de Lembranças*. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. 1, p. 116-127, 2005.

RIO, João do. *O momento literário*. Organização, introdução e notas de Silvia Maria Azevedo e Tania Regina de Luca. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2019.

Recebido em: 12 set. 2023

Aprovado em: 11 nov. 2023